



Correio Pastoral

Cón. Luís Alberto

05/04/2024

Tendes alguma coisa de comer?

Amigos:

Boa tarde!

Em plena oitava da Páscoa, com votos de que a Luz de Cristo Ressuscitado ilumine todos os túmulos da nossa vida e que os vazios que vivemos façam crescer em nós a sede de procurar a Vida e o Amor que nos sacia, aqui vos deixo, em anexo, uma reflexão sobre os textos da missa de hoje.

Continuação de santa Páscoa!

Abraço amigo!

“Tendes alguma coisa de comer?” – 2024.04.05

Quando Jesus ressuscitado aparece aos discípulos nunca é reconhecido pelo seu aspecto exterior, físico (o mais certo é que a razão de ser desta característica do ressuscitado não seja esta que vou agora enunciar, mas pode ter alguma coisa a ver: o que nos define é o que somos por dentro!...).

Jesus só é reconhecido através de sinais.

E o grande sinal é só um: o Amor!

E é por isso que é no Amor, na qualidade da relação pessoal de uns com os outros que nós também podemos hoje reconhecer (ou não) Jesus...

Jesus é reconhecido pelos sinais da Cruz, expressão maior do Seu amor por nós (o mesmo Amor que Ele quer que nós vivamos...): quando aparece aos discípulos no dia de Páscoa, Jesus mostra-lhes imediatamente as mãos e o lado, os sinais da Cruz, para perceberem que Ele não é um fantasma, para entenderem que o Ressuscitado é o Crucificado (e que só é Ressuscitado porque um Amor tão grande como o do Crucificado “*não podia ficar sob o domínio da morte*”...)

Mas já antes tinha aparecido a Maria Madalena, que começa por julgar que Ele é o jardineiro, e só quando Jesus pronuncia o seu nome, “*Maria!*”, daquela maneira única como sempre o fazia e que traduzia o Amor imenso de Jesus por ela, é que o reconhece...

Outra dimensão própria do Amor é a fecundidade, a abundância.

Como ouvíamos hoje, diante da pesca abundante, resultante da obediência às palavras de Jesus que os mandou lançar as redes para o outro lado, João é o primeiro dos discípulos a intuir que estão na presença de Jesus e diz imediatamente a Pedro: “*É o Senhor!*”

(Nunca é demais sublinhar que João não diz “*É Jesus*”. Diz: “*É o Senhor!*”. Porque, como ouvimos Pedro dizer no Domingo passado, a ressurreição de Jesus fez d’Ele o Senhor da História, o princípio e o fim de tudo: “*Deus ressuscitou-O ao terceiro dia... (...) e Ele foi constituído por Deus juiz dos vivos e dos mortos*”).

Já durante a sua vida terrena Jesus tinha dito aos discípulos: “*Eu vim para tenham Vida e a tenham em abundância*”.

E foi essa abundância de Vida (de Amor) que eles experimentavam junto de Jesus, que não conseguiam explicar mas que os saciava de tal maneira que eles

não a queriam perder de maneira nenhuma (*“Façamos aqui três tendas”*, dizia Pedro, esquecido de tudo, no monte da transfiguração), que os fez largar tudo para seguir Jesus até ao fim.

Esta abundância de Vida que experimentamos com Jesus contrasta com a realidade da nossa vida quando ela é vivida sem Jesus. À pergunta: *“Rapazes, tendes alguma coisa que comer?”*, os discípulos respondem: *“Não”*.

É evidente que estamos sobretudo a falar do alimento interior, daquele que nos faz verdadeiramente felizes porque faz com que tudo tenha sentido para nós.

A verdade é que a nossa condição humana, só por si, é capaz do amor e todos, crentes ou não, reconhecem que esse é o bem mais valioso, é o grande tesouro que cada um pode encontrar na vida (ou não fôssemos todos criados *“à imagem e semelhança de Deus”*, que é Amor...).

Mas, mesmo assim, esse amor que tanto prezamos e perseguimos, sabe sempre a pouco enquanto não for vivido com a dimensão, a grandeza e a radicalidade do Amor de Jesus e não mergulhar no coração de Deus...

É só esse Amor que é capaz de encantar qualquer um.

É só esse Amor que não podemos calar, depois de o vivermos.

É só esse Amor que leva Pedro a dizer hoje que *“Jesus é a pedra que vós, os construtores, desprezastes e que veio a tornar-se pedra angular. E em nenhum outro há salvação...”*

Mas também é importante que reter que, normalmente, o anúncio explícito do Amor de Jesus só cola quando do outro lado temos alguém que nos escuta com curiosidade, com interesse, com receptividade...

Primeiro há a novidade de Vida (a nossa vida) a acontecer.

Depois é que há o questionamento que ela provoca: *“o que é que os faz serem tão diferentes?”* (Ou, como dizia Tertuliano, no séc.III, a respeito da reacção das pessoas diante das primitivas comunidades cristãs: *“Vede como eles se amam!”*)

Como hoje, no caso de Pedro e João: *“já que hoje somos interrogados sobre um benefício feito a um enfermo...”*